

importante, se a Ash ou a Touch, ou as pessoas gravadas fossem culturalmente mais visíveis, se fossem mais conhecidas, estariam ainda em posição de escapar com a apresentação tão provocatória destas questões?

© BD / E.S.T.

DAVID SHEA

Prisoner

CD Sub Rosa (SR73), 54 minutos

Prisoner, tal como a sua colecção de estreia de há um par de anos atrás, *Shock Corridor*, presta homenagem à arte do compositor de bandas sonoras. Sons e atmosferas de séries psicopáticas da BBC do mesmo nome são samplados e espalhados através dos seus sete movimentos, mas o tributo de Shea vai mais além para abarcar os motes de Ennio Morricone, Quincy Jones e John Barry. A implicação é que o pequeno écran de casa ajudou a dar forma ao desenvolvimento de música visualizada, tanto como o cinema, teatro ou a dança contemporânea, e em troca levou as pessoas a ouvirem de outra maneira os compositores antes denegridos pela escola de 'música séria'. E é o pequeno écran, por oposição à própria tecnologia de samplagem de Shea, que dirige as suas aspirações como compositor.

Confrontado com a opção de deixar a tecnologia sugerir novos espaços e formas conseguindo que os seus instrumentistas alinhem, ou moderar a tecnologia de forma a mascarar alguma da sua intromissividade, Shea vai para a última opção, e para um muito melhor efeito do que em *Shock Corridor*, ainda que ambos os discos utilizem atribuições bastante similares aos virtuosos da cena nova-iorquina (Zeena Parkins, Anthony Coleman, e outros).

Aqui, as contribuições reais e sampladas não soam como estando em guerra umas com as outras; existe uma harmonia nos procedimentos que dá à música uma quase inconsútil qualidade e um forte poder narrativo. Shea já não está preso pela estética do 'hey, isto não é estranho?'; *Prisoner* torna a samplagem num processo mais do que num efeito. Recomendado.

© David Ilic / The Wire

.....
saldos audEo
discos, videos e livros
super preços
máximos descontos
até 24/ setembro

VÁRIOS ARTISTAS

At Close Quarters

CD These Records (THESE 7 CD), 75 minutos

Um álbum de instantâneos; momentos favoritos de concertos na loja These Records de '90 a '92; uma oportunidade para recordar umas poucas experiências transitórias. Os nomes são familiares: Steve Beresford & John Butcher; Charles Hayward; David Toop & Max Eastley; Nicolas Collins & Peter Cusack; Morphogenesis; e Barbed (sendo este último um duo conhecido por ter um álbum pendente para a These de há - quanto tempo - 2 anos?). Está na natureza dos fragmentos o serem todos diferentes, e isto aplica-se particularmente à qualidade. A poesia de Hayward é profundamente inexcitante enquanto as improvisações de Beresford e Butcher, no sax e teclados, contêm momentos de rápido arrebatamento, tal como a penetrante e comprida peça circular da flauta de Eastley. A electrónica trombono-propulsionada de Nic Collins, e a montagem com o leitor de CD (a par com o 'electric bazouki' de Cusack) é aqui incaracteristicamente irritante, mas a improvisação abstracta de Morphogenesis (objectos amplificados, percussão, electrónica e clarinete) é bastante bem sucedida. De um modo geral o propósito do CD é bom, mas os resultados são por vezes demasiado clínicos e guincho-arranhantes para fácil digestão.

© BD / E.S.T.

MINIMAL

folheto informativo
sobre músicas alternativas

número 1 - Setembro 1994

direcção

Gonçalo Calheiros,
 Luís Freixo, Ricardo Araújo

agradecimentos

E.S.T., Sub Rosa, These Records,
 Touch, The Wire, e todos os outros

edição

audEo - Av. Boavista, 1635-00
 4100 Porto - T. 697239
 NIPC 502667460 - CS 420.000\$00 - CRCP 49591

As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores, e não necessariamente concordantes com as da direcção. Os trabalhos protegidos por direitos de autor encontram-se assinalados. **distribuição gratuita**

MINIMAL¹

DEREK JARMAN



Este número é dedicado a Derek Jarman.

Nascido em 1942, frequentou a Slade School of Fine Arts, fez pintura, desenhou cenários e figurinos para o teatro e a ópera, e foi 'produtor artístico' do cineasta Ken Russell. Com uma carreira artística distinta e eficaz dentro da produção independente ou, por outras palavras, alternativa, Jarman começou a filmar em 1970, fazendo a ponte entre o experimentalismo americano de Keneth Anger e Andy Warhol, e a nova geração de cineastas britânicos.

Dos seus trabalhos destacam-se *Sebastiane* (1976 - polémico por abordar numa perspectiva homoerótica, os dualismos paixão/dor e sacrifício/morte, na figura de S. Sebastião, com diálogos exclusivamente em latim, e banda sonora assinada por Brian Eno), *Jubilee* (1976 - parábola futurista que revisita a história britânica, sob uma perspectiva punk), *The Tempest* (1979 - adaptação 'camp' da peça de Shakespeare), *In the Shadow of the Sun* (1980 - filme mudo musicado pelos Throbbing Gristle, que vive dos efeitos abstractos de remontagem de imagens captadas com a sua inseparável Super 8), *T.G. Psychic Rally in Heaven* (1981 - retrato abstracto e colorido dos Throbbing Gristle ao vivo), *The Angelic Conversation* (1985 - sonetos de Shakespeare, imagens idílicas de rapazes, e música dos Coil), *Caravaggio* (1986 - homenagem à luminosidade na pintura de Caravaggio, com música de Simon Fisher Turner), *The Garden* (1990 - investigação militante da postura da Igreja na perseguição da homossexualidade, e mais música de Turner), *Edward II* (1991 - o apogeu e queda do rei Eduardo e do seu favorito, ainda com música de Turner), *Wittgenstein* (1993 - reconstrução da vida do filósofo, numa encenação teatral com música clássica), e *Projections* (figurino de imagens para cenário dos concertos dos Pet Shop Boys).

Jarman morre em Fevereiro deste ano, vítima de SIDA, deixando-nos *Glitterbug*, o testamento pessoal onde recupera, revela, e remonta imagens da sua anterior filmografia e dos mais íntimos 'home movies', e *Blue*, o testamento artístico expresso minimalmente através de uma imagem azul de melancolia, e da sobreposição da sua voz à música de anteriores filmes.

Que o público português lhes tenha acesso, a tempo de poder apreciar a sua obra num contexto de pioneirismo. GC

édito

Porque era óbvia a necessidade de consolidar a nossa aproximação aos potenciais ouvintes das ditas músicas alternativas, MINIMAL foi a fórmula de imediato possível.

Para quem já nos conhece, as variantes musicais e culturais que percorremos são sabidas: "músicas alternativas" significa para nós uma imensidão de propostas e estilos, que tenham por denominador comum a inovação ou, numa outra perspectiva, actitude inovadora.

Para quem nos queira conhecer deixamos o convite ao contacto, porque aqui não temos espaço para mais. Afinal, a razão-de-ser de MINIMAL é mesmo essa: meios mínimos, mas uma alma muito grande.

escaparate

THE HAFLER TRIO

Box Set = 'Bang' - An Open Letter + Walk Gently Through The Gates Of Joy + Seven Hours Sleep
CD3 Grey Area (KUT 1/2/3), 71+75+58 minutos

The Hafler Trio começou a sua vida em 1984, depois de Chris Watson ter deixado o seu anterior grupo Cabaret Voltaire. Inicialmente, a música experimental electrónica de Chris Watson, com efeitos de fita magnética e martelos pneumáticos, alienava as audiências a um tal ponto que os concertos terminavam frequentemente em tumultos. Ainda que tais reacções pareçam improváveis com The Hafler Trio, o grupo minou um campo similar: música 'brutificada' feita com instrumentos inmusicais. De facto chamar-lhe música é um erro de denominação: Watson disse uma vez: "nós NÃO estamos de todo preocupados com música". Tal como os princípios do Dada e da anti-arte, que extensivamente adoptaram, eles questionaram os fundamentos por detrás das preconcepções do que define arte, como a arte é avaliada e que valor, se algum, ela tem.

Eles também se excederam na glorificação Futurista de ver sons comuns, de todos os dias, como arte. Através de todos estes questionamentos o Trio justapôs peças sampladas do dia-a-dia - combóios, máquinas industriais e emissões mediáticas - com bizarros efeitos de fita magnética, como se continuando com os exercícios de colagem que William Burroughs e Brion Gysin

inicialmente exploraram.

Devido à natureza do seu trabalho cedo se viram envolvidos com a Robol, uma organização para a pesquisa do som e os seus efeitos nas pessoas, liderada por Robert Spindgeon. A sua influência é demasiado óbvia no seu primeiro álbum 'Bang' - *An Open Letter* (1984), que demasiadas vezes soa como se tivessem regurgitado literalmente as ideias Robol e se limitassem a conduzir exercícios académicos para demonstrar a sua perícia.

Foi com os mais tardios *Walk Gently Through The Gates Of Joy* (1985) e *Seven Hours Sleep* (1986), que começaram a divergir e finalmente a disassociar-se da Robol. Uma vez libertados dos parâmetros limitados da ideologia, eles ficaram aptos a investigar o som mais aprofundadamente. *Walk Gently* revisita os Futuristas italianos mas, ao lado das secções faladas e das montagens magnéticas de sons comuns (todos animados por serem alimentados através de numerosos efeitos), eles também chapinham até certo ponto nas águas do Ambiental e do Trance. Enquanto de alguma forma são removidas do mero Muzak reconfortante peças como *3 Remarkable Examples Of Air Turbulence* poderiam converter para a sua música o público fim-de-noite de um 'club'.

As verdadeiras intenções de *Seven Hours Sleep* são a princípio mistificadoras. O objectivo parece ser uma jornada para o mundo surreal dos sonhos acordados. Os sons depressa invertem da serena tranquilidade para uma tensão e agressão paranóicas. Seja qual for a intenção, não é decerto repousante nem condutor de uma boa noite de sono. É, quanto mais não seja, uma peça notável de experimentalismo sonoro, explorando o mundo subconsciente.

Às vezes o método 'científico' é frio e estéril, e a única reacção possível parece ser a aprovação intelectual (ou desaprovação). Mas apesar disto, The Hafler Trio provoca e ameaça a percepção da arte, e da comunicação sonora em particular: ouça, para ser iluminado.

© Jon Rogers / The Wire

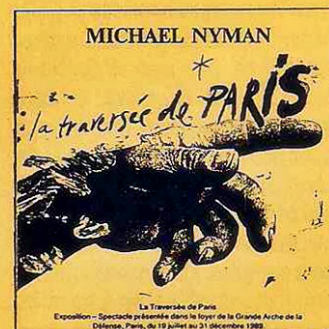
CHARLES HAYWARD & NICK DOYNE-DITMAS *My Secret Alphabet*

CD Sub Rosa (SR59), 53 minutos

Charles Hayward fez parte dos This Heat, uma das bandas do experimentalismo seminal que

surgiram do Punk (ou, talvez mais correctamente, que surgiram ao lado dele, usando as liberdades musicais temporariamente conquistadas), a que se seguiu mais música surpreendente, tanto a solo como com os Camberwell Now. Agora está num duo produzindo o que apenas pode ser descrito como canções! A música continua centrada no trabalho de bateria e teclados de Hayward, que é agora acompanhado por Nick Doyne-Ditmas, que toca guitarra, baixo e trompete, e que também canta. Estas são canções peculiares, mas acessíveis e tocantes, com letras poéticas, grandes solos e um maravilhoso sentir ou textura global. Há um desprendimento de Hayward para este trabalho: já lá vai o frio cuidado de alguma música anterior, e no seu lugar há um encanto e prazer que emergem. É peculiar, mas isto é Pop experimental no seu melhor - não há segredo maior para descobrir do que este 'alfabeto secreto'.

© RML / E.S.T.



MICHAEL NYMAN

La Traversée de Paris

CD Criterion/Kelly Music (CRITCD 1), 75 minutos

Conhecido particularmente pelos seus trabalhos para o cineasta Peter Greenaway, o compositor inglês Michael Nyman só recentemente tornar-se-ia conhecido e apreciado pelo grande público graças ao sucesso da banda-sonora para o filme de Jane Campion, *The Piano*.

La Traversée de Paris foi composta e gravada por Nyman em 1989, tratando-se de uma obra conceptual, destinada à exposição-espectáculo que teve lugar no Grande Arche de la Défense, em Paris, nas comemorações do Bicentenário da Revolução Francesa.

Se ao visitante era possível atravessar esse caminho quase 'impressionista' - situado entre o século XVI e o ano de 1989, espalhado por um espaço de 7000 m², acompanhado de textos de

grandes pensadores franceses de todos os tempos que eram 'disparados' por um sistema de infra-vermelhos accionado a partir do seu capacete pessoal - a expressividade era, de facto, induzida pelas composições pictóricas de Nyman.

Alguns dos temas (pouco mais que um par deles) foram mais tarde reconvertidos e renominados para o filme *Prospero's Books*, sem que a ideia e a execução originais perdessem a sua carga nata de virtuosismo, até porque os tempos resultaram diferentes, e os executantes em parte também.

Nesta travessia a voz principal foi dada à soprano Sarah Leonard, sendo acompanhada pelas London Voices, e pela Michael Nyman Band. O produtor foi David Cunningham.

Como nota de rodapé, o reparo de que esta obra mestra foi já retirada do mercado internacional, pelo que a oportunidade de a voltarmos a encontrar entre nós será cada vez mais remota.

LF

SCANNER

Scanner

CD Ash International (ash 1.1), 55 minutos

Scanner?

CD Ash International (ash 1.2), 71 minutos

Algumas das críticas que vi destes dois C.D., de certa forma falham a questão. Elas concentram-se na maneira como os telefonemas interceptados são apoiados por uma sofisticada banda-sonora ambiente-industrial, criando um aguçado, perturbante, paranóico mundo sónico, onde os fios de telefone ganham vida, e transmissões digitais invisíveis tomam forma audível. Tudo isto é relevante, particularmente no segundo disco, mas de interesse maior é o papel que estas gravações desempenham no debate sobre os efeitos das novas tecnologias, na questão do privado. As pessoas que cegamente confiaram os seus segredos às ondas hertzianas não esperavam aparecer nestes C.D. - e certamente nem queriam - dada a natureza sexual, criminal e de outros conteúdos privados, dos seus telefonemas. Estarão as inominadas figuras aquém do direito da Ash tratar transmissões, feitas em frequências de rádio publicamente acessíveis, como sendo do domínio público? Será o voyeurismo justificação suficiente para estas intrusões? E, mais